



METROPOLE

SSA-BA



UMA CIDADE CHAMADA CAJAZEIRAS

Com comércio forte, vida cotidiana intensa e identidade própria, Cajacity pulsa a Salvador de verdade longe dos cartões-postais e cenários intagramáveis. Págs. 2 a 4



Cristiana Santos e Camila Cintra estreia com artigos de opinião no Jornal Metrópole. Págs. 6 e 12



Bonitinhos, mas ordinários: vapes sustentam salto no índice de fumantes após 20 anos de queda. Pág. 11



Filé do Streaming traz um curadoria com laranjadas e indicações de filmes e séries da semana. Pág. 14

Cajacity: de onde ninguém quer sair

Em Cajazeiras, a vida acontece longe dos cartões-postais e perto de casa: é onde se mora, trabalha, consome e constrói pertencimento

Fotos Marcelle Bitencurt

Texto Heloísa Helena e Daniela Gonzalez

daniela.gonzaga@radiometropole.com.br

Conhecida como um dos maiores complexos urbanos da América Latina, Cajazeiras é um daqueles lugares onde Salvador vive e pulsa independente de cartão postal e cenários instagramáveis. Vive tanto que seus moradores, com razão, tratam o bairro como uma cidade própria: Cajacity, chamam irreverentemente. Grande no tamanho, na circulação de gente e na intensidade do cotidiano, o território carrega uma identidade própria, construída longe do “circuito Barra-Ondina”, no comércio de rua, nas escolas, nas igrejas e nos encontros que fazem a cidade acontecer de verdade.

Até a numeração tem uma lógica própria que só o cajazeirense entende. Não há sequência exata: Cajazeiras I, III e IX simplesmente não existem. Ainda assim, Cajazeiras II, IV, V, VI, X e XI somam mais de 59 mil moradores, entre eles alguns famosos. De lá já saíram nomes como o comunicador Dinho Jr. e Davi Brito, controverso campeão do BBB. Já teve até um reality próprio com moradores do bairro. É o próprio suco de Salvador.

Isso sem contar Águas Claras, Boca da

Mata, Fazenda Grande I, II, III e IV e Jaguaripe I, que, para muita gente, entram naturalmente no pacote de Cajacity — um território grande demais para caber numa placa, mas bem à vontade no cotidiano de quem vive ali. Somados, os 13 setores passam dos 150 mil habitantes. Não chegam ao milhão que já virou lenda urbana, mas superam, por exemplo, a cidade xará cidade Cajazeiras, no sertão da Paraíba, com 61 mil moradores. Prova de que, enquanto a Salvador dos cartões-postais posa para foto, é nos bairros — e em Cajazeiras em especial — que a cidade real trabalha, circula, cresce e vive.

GALINHA DOS OVOS DE OURO

Se é nos bairros populares que Salvador vive, Cajacity, com um deles, também

não poderia deixar de virar território cobijado na política: reduto eleitoral forte, disputado e valorizado, onde todo vereador ousa dizer que “é de Cajazeiras”, nem que seja por afinidade espiritual ou por foto em época de campanha. No ano passado, o reduto foi motivo de disputa, em especial entre vereadores da base do prefeito que tentavam a reeleição.

O bairro virou vitrine de promessas, obras disputadas no discurso e benfeitorias que todo candidato tenta puxar para si. Quase todas. A exceção notória é o mercado construído pela gestão municipal para “organizar” o comércio e esvaziar a Rótula da Feirinha. Não pegou e virou exemplo de que, em Cajazeiras, planejamento que ignora o cotidiano costuma fracassar.



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Redação **Daniela Gonzalez, Heloísa Helena, Ismael Encarnação, Jairo Costa Jr., Kamille Martinho, Laís Gama e Mariana Bamberg**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuco - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



Pontos de encontro e memória

A Rótula da Feirinha é o coração que bombeia Cajazeiras. Quem passa por ali entende rápido: não é só um cruzamento, é um ponto de encontro, de comércio, de conversa atravessada e de notícias que circulam mais rápido do que grupo de WhatsApp. É onde se compra comida, se resolve a vida, se encontra um conhecido e se confirma, na prática, que Salvador vive muito mais nos bairros do que nos cartões-postais. A vida acontece ali, no vai e vem constante, no improviso das barracas, no bate-papo com quem está sempre “de plantão”.

Poucos metros adiante, outro endereço indispensável do mapa afetivo de Cajazeiras é o Campo da Pro-naica. É ali que os candidatos juram ter passado anos da infância jogando bola. Mais do que um campo, ele vi-

rou referência geográfica, ponto de largada para atividades comunitárias, culturais e esportivas, e cenário de eventos que celebram a história do território. Para muitos moradores, é simples: se tem movimento em Cajazeiras, começa ou termina no Pro-naica. É ali que o bairro se encontra consigo mesmo, sem precisar pedir licença a ninguém.

Já em Cajazeiras X, o Parque Pedra de Xangô marca como um dos símbolos mais fortes da ancestralidade afro-brasileira em Salvador. Inaugurado em 2022, o parque é o primeiro no Brasil a receber o nome de um orixá, Xangô, e nasceu da preservação de uma formação rochosa sagrada, tombada como patrimônio cultural municipal em 2017.



Comércio que dá inveja à Avenida 7

Para quem vive o bairro no dia a dia, Cajazeiras é mais do que um endereço no mapa de Salvador. É moradia, é espaço de relações construídas ao longo dos anos, de consumo e de trabalho. Tudo próximo, em um só lugar.

Não à toa, os moradores mais empolgados comparam o comércio de Cajazeiras ao da tradicional Avenida de Setembro ou à Baixa do Sapateiros em seu tempo de ouro. Morador da região há 28 anos, o comerciante de materiais esportivos Wellington Rodrigues é um desses personagens que ajudam a contar essa história.

“Eu, particularmente, não tenho do que reclamar de Cajazeiras. Sou morador antigo e trabalho no bairro, então eu dependo daqui. As pessoas são educadas, compram bastante, não é à toa que Cajazeiras é o maior comércio de rua”, afirma orgulhoso.

“Sempre consigo bater minha meta. Mesmo vendendo material esportivo, eu faço parte desse cotidiano: participo de baba, vou à academia, corro. Tenho praticamente 28 anos de vida aqui. Construí minha casa, conquistei meu veículo, meu ponto comercial. Cajazeiras é o mundo. Eu gosto de morar aqui. Só saio daqui para passar férias na roça”.

CIDADE NO NOME, BAIRRO NO PAPEL

Moda, cama, mesa e banho, armários, assistência técnica, alimentação. Encontra-se de tudo nas ruas do bairro. Mas a força comercial de Cajazeiras também se revela nos pequenos negócios que ocupam as calçadas e a tradicional rótula da feirinha, onde é possível encontrar de tudo um pouco, do alimento básico aos produtos artesanais. “Para não ficar dentro de casa, hoje eu vendo mel, vendo farinha, vendo beiju, vendo queimado. Isso aqui é uma maravilha. Eu só saio daqui, talvez, para o interior, para uma roça, mas sair daqui de casa, não. Aqui é maravilhoso. Aqui tem tudo o que você quiser. O que você quiser está aqui”, afirmou o ambulante Paulo Mel.

Um território que só cresce

Como a maioria dos entrevistados, ninguém pensa em sair de Cajazeiras. A região, que deve receber a nova Rodoviária de Salvador, no bairro de Águas Claras, tende a ganhar ainda mais fôlego e impulsionar o complexo de bairros que formam o território. Morador de Cajazeiras há 35 anos, o vendedor de pescados Wilson

de Sousa resume o sentimento de pertencimento comum a quem construiu a vida no local.

“Eu sempre morei aqui em Cajazeiras e não tem por que sair daqui, porque Cajazeiras tem tudo. Cajazeiras é perto de tudo”, diz ele, rebatendo a mística de que a região é tudo que é afastado do centro. Realmente, é dis-

tante, são 20 km, que, com o tempo, foram sendo facilitados com investimentos em mobilidade urbana. Mas Cajazeiras é seu próprio centro: “para mim, é o mundo. Já tem mais ou menos 35 anos que moro aqui. Minha família toda mora aqui, graças a Deus, e ninguém quer sair de Cajazeiras”, complementa Wilson.



mateus pereira/govba

Memória construída no cotidiano

Nem sempre foi assim. Os moradores mais antigos lembram as transformações do território ao longo das últimas décadas com saudosismo, mas também com satisfação. Fernando Alen mora na região desde 1985 e acompanhou de perto todas as transformações. Quando ele chegou, o bairro já era grande, mas ainda era um menino.

A criação de Cajazeiras data de 1975, no governo de Roberto Santos. Um decreto estadual desapropriou as fazendas União, Cajazeiras, Jaguaripe de Cima ou Fazenda Grande e Chácara Nogueira e no ano seguinte oficializou o Plano Urbanístico Integrado Cajazeira, com sete bairros e 16 milhões de metros quadrados que iriam contribuir para a consolidação do recém-implantados Centro

Industrial de Aratu (CIA) e Complexo Petroquímico de Camaçari. Nas décadas seguintes, o desenvolvimento foi fomentado com conjuntos habitacionais dos governos federal e estadual.

Há quem diga que, no decorrer dos anos, o discurso de cidade dentro da cidade sustentou também uma segregação para que as pessoas que moravam ali deslocassem o mínimo possível para a parte central da cidade. Mas também é nítido que houve união e fortalecimento de uma identidade própria.

TUDO SE ENCONTRA POR AQUI

É nesse cotidiano intenso e nessa identidade própria que Cajazeiras mostra por que se comporta como cidade.

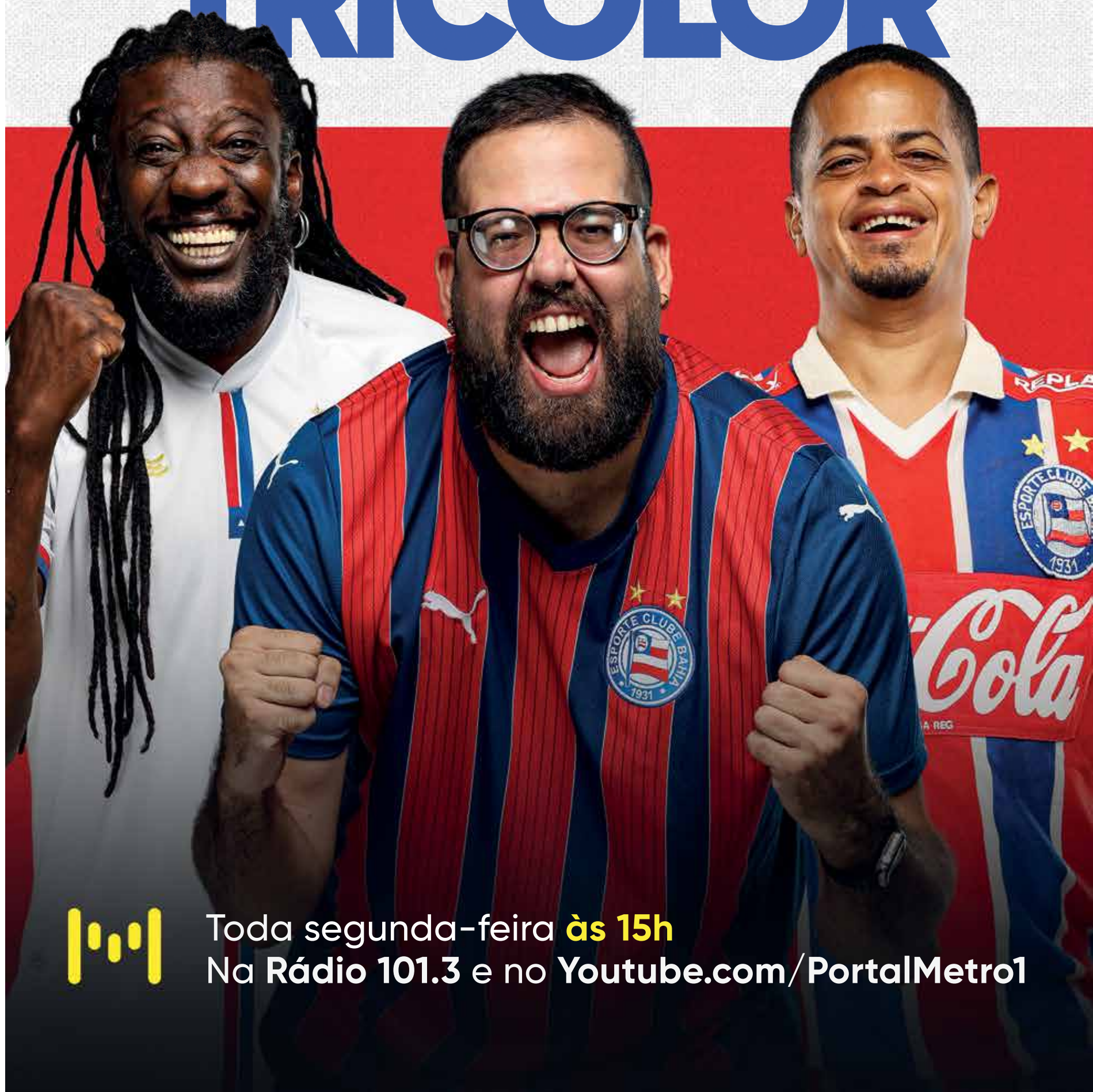
No complexo, encontra-se de tudo: do comércio que não dorme às festas que ocupam ruas e praças. O calendário cultural passa pelo Carnaval de bairro, pelas celebrações de São João, por eventos religiosos, feiras populares e encontros que transformam o espaço público em lugar de convivência. A vida acontece perto de casa. E quem está não quer sair dali.

Cajazeiras é território de permanência. Um lugar onde se constrói família, trabalho, memória e futuro. Entre a tradição e a expansão urbana, o bairro segue crescendo sem perder o sentido de pertencimento que seus moradores repetem em uníssono: ali, tudo está ao alcance. Cajazeiras não é só um conjunto de bairros, é um mundo inteiro que pulsa dentro de Salvador.

Informação e Resenha do Bahia com
Dom Chicla, Matheus Barbaço e James Martins



FALA NAÇÃO TRICOLOR



Toda segunda-feira **às 15h**
Na Rádio 101.3 e no [Youtube.com/PortalMetro1](https://www.youtube.com/PortalMetro1)



Um Brasil a ser construído em 2026

Cristiana Santos

Advogada e professora da Faculdade de Direito da UFBA

O ano se encerra. É momento de pensarmos no futuro. Desejamos aos nossos entes queridos saúde, paz e amor, imprescindíveis para tudo mais. E também um mundo sem guerras e sem fome, mais justo, menos desigual, em que as pessoas sejam respeitadas e o meio ambiente seja preservado.

Em 2025, o que fizemos para construir esse mundo? Essa pergunta é importante, pois um projeto só deixa de ser pensamento e desejo quando se transforma em ações.

Entre 2021/2023 assistimos a uma tentativa de golpe ser construída a céu aberto, que culminou em atos de vandalismo e na depredação no dia 08/01/23. Pela primeira vez, os responsáveis foram levados a julgamento e condenados. Mas antes mesmo do trânsito em julgado, ganhou força a proposta de anistia. Onde foi parar o discurso contra a impunidade?

Pregamos o combate à corrupção. Mas não nos faltaram escândalos, conchavos e silêncios sobre temas que vão das emendas do orçamento secreto ao Banco Master, passando pelas fraudes aos aposentados do INSS. Quantas entidades lançaram notas públicas manifestando apoio irrestrito à apuração dos fatos?

As mobilizações contra a anistia, a PEC da Bandidagem e o projeto da dosimetria curiosamente não foram lideradas pelos jovens, pelos sindicatos ou entidades da sociedade civil, mas por artistas que sofreram os

reveses da ditadura de 64. Será que perdemos a energia e o idealismo que nos levava a lutar por um mundo melhor? Ou sucumbimos a um pragmatismo exacerbado, em que o correto é relativizado?

Desejar que nosso país seja mais seguro, menos violento e menos desigual dialoga fortemente com a oferta de educação pública de qualidade. Isso, de fato, está na agenda de cada um de nós? Vamos aos fatos.

Entre os que entendem que a educação pública é importante, quantos incentivariam, com orgulho, os filhos a serem professores? A pergunta é pertinente. Como o Brasil pretende construir uma educação pública de qualidade sem ter como docentes seus melhores talentos?

O Congresso tem uma bancada da bala presente, mas a da defesa da educação pública não tem a mesma força e articulação. Quantos, entre os que apontam a educação pública como uma demanda relevante, votaram em parlamentares que têm compromisso com ela?

São estas contradições de nossa sociedade que explicam (mas não justificam) o corte de quase meio bilhão de reais promovido no orçamento das Universidades Federais por parlamentares eleitos por nós, mas que há muito (com honrosas exceções) não nos representam.

Queremos um país mais seguro, menos violento e igual. Mas o racismo, a violência doméstica, o feminicídio e a homofobia ainda são

problemas graves, e em alguns ambientes são lamentavelmente tolerados.

Enquanto a nossa ação cotidiana não for coerente com os nossos projetos, sonhos e desejos, não construiremos o país que almejamos.

Que 2026 seja um ano de renovação dos nossos compromissos com um mundo melhor, mais justo, menos desigual e mais respeitoso com todos e com o meio ambiente não apenas como expressão de um desejo, mas sobretudo através de nossas ações!

Pregamos o combate à corrupção. Mas não nos faltaram escândalos, conchavos e silêncios sobre temas que vão das emendas do orçamento secreto ao Banco Master, passando pelas fraudes aos aposentados do INSS




METROPOLÍTICA



Por Jairo Costa Júnior

Notícias exclusivas de maior repercussão da semana publicadas pela coluna política do Grupo Metropole



Aponte a câmera do celular para o QR Code ao lado e confira a coluna Metropolitica

Sinal de alerta

Pesquisas encomendadas para consumo interno da oposição ao PT na Bahia já haviam indicado o viés de queda na avaliação positiva do prefeito Bruno Reis (União), corroborada pelo novo levantamento do instituto AtlasIntel. Os resultados, embora não tenham surpreendido os aliados mais próximos ao ex-prefeito ACM Neto, levaram a cúpula oposicionista a montar uma estratégia para estancar a sangria antes da corrida eleitoral de 2026. “Salvador é fundamental no tabuleiro de Neto para a sucessão. Para que suas chances de vitória cresçam, será crucial que Bruno recupere popularidade ano que vem, disse um influente cacique do União, ao admitir que os resultados elevaram o nível de tensão no entorno de ACM Neto.

Fator de risco

Simultaneamente à queda na avaliação positiva de Bruno Reis, o avanço das obras do VLT do Subúrbio e a possibilidade real de que o governador Jerônimo Rodrigues (PT) entregue a primeira fase do projeto antes da campanha também preocupam os líderes da oposição. Isso porque o VLT provocará um grande impacto positivo na mobilidade de uma das regiões mais populosas da cidade. A artilharia disparada por aliados de Neto logo após a viagem-teste realizada por Jerônimo na semana passada traduz o tamanho da inquietação.

Credcesta já é alvo de oito ações na Bahia contra empréstimos para servidores públicos

Subiu para oito o números de ações diretas de inconstitucionalidade movidas pela Associação dos Funcionários Públicos do Estado da Bahia (Afpeb) contra o Credcesta, por causa de irregularidades nos empréstimos consignados para servidores estaduais e de ao menos 40 municípios baianos, através de operações antes tocadas pelo Banco Master. Além do governo do estado, a Afpeb já ajuizou processos pedindo a suspensão de contratos semelhantes com o Tribunal de Justiça da Bahia (TJ) e seis prefeituras: Salvador, Vitória da Conquista, Camaçari, Lauro de Freitas, Paulo Afonso e Nova Soure.

Em todas as ações, a Afpeb acusa o governo, TJ e as demais prefeituras sob a mira da entidade de criarem reserva de mercado para favorecer bancos específicos, em afronta às leis que protegem a livre concorrência. O que, para a associação, prejudica os servidores públicos na condição de consumidores. Sustenta ainda que a exclusividade conferida ao Credcesta, por meio de decretos idênticos que garantem a ele avançar em até 30% da remuneração dos servidores, configura

monopólio privado instituído sem processo licitatório. “Isso permite a cobrança de juros extorsivos de 5% a 5,5% ao mês, que chegam a comprometer até 90% dos salários líquidos dessas pessoas”, destaca o advogado da Afpeb Jorge Falcão Rios.

Fora a suspensão de novos débitos em folha, a associação pede que a Justiça impeça descontos extraordinários vinculados ao cartão Credcesta, devido a indícios de fraudes. Em especial, referentes a compras que não foram efetivamente feitas pelos servidores. Inicialmente, tanto os consignados quanto o cartão de crédito eram operados pelo Master, cujos sócios chegaram a ser presos pela Polícia Federal durante a Operação Compliance Zero. A operação do Credcesta, contudo, foi transferida para o Banco Pleno, logo após surgirem os primeiros rumores de fraude contábil do Master, a reboque da tentativa de vender seus ativos para o Banco Regional de Brasília (BRB), transação vetada pelo BC. O lucrativo negócio está hoje sob gestão do BTG Pactual, do banqueiro carioca André Esteves.



divulgação

Caixa de Pandora Pela metade

Políticos baianos que fizeram lobby pesado para que o Banco Central autorizasse a venda do Banco Master para o Banco Regional de Brasília (BRB) ficaram de cabelo em pé com as recentes declarações do presidente do BC, Gabriel Galípolo. Mais precisamente a fala em que ele diz ter o registro de todas as investidas a favor do Master feitas por parlamentares junto a dirigentes do BC, com nomes, datas e horas. Para completar, Galípolo deixou claro que, a depender do aperto, abre na hora o baú dos lobistas.

A série de furtos contra a antiga sede dos Correios na Bahia teve início após a direção da estatal determinar o corte de metade da equipe responsável pela segurança do edifício. É o que revela um depoimento feito à Polícia Federal no âmbito da operação deflagrada para combater a invasão de criminosos e usuários de drogas no prédio abandonado desde 2018. No depoimento à PF, o chefe da seção de segurança dos Correios no estado, Carlos Alberto Lima Conceição, contou que há aproximadamente seis ou oito meses o número de vigilantes foi reduzido de quatro para dois funcionários terceirizados. Desde então, informou o chefe de segurança da estatal, começaram as invasões à antiga sede “para retirar esquadrias, fios e outros bens que possuam algum valor para serem vendidos”.

FAÇA O TESTE RÁPIDO DE HIV. É SEGURO, SIGILOSO E NÃO DEIXA NINGUÉM NA DÚVIDA.

Teve uma relação sexual sem o uso de camisinha e ficou na dúvida? Procure uma Unidade Básica de Saúde ou serviço especializado e faça o teste rápido, é seguro e sigiloso. Além disso, é uma ótima oportunidade para ter acesso a outras formas de prevenção combinada, como: PrEP, PEP, as novas camisinhas (texturizadas e sensitive), gel lubrificante e vacinas. E se seu teste der positivo, o HIV tem tratamento. As pessoas que vivem com o vírus e se tratam ficam intransmissíveis e têm uma vida normal! Tudo isso disponível no SUS! Saúde para você combinar e escolher!





**PREVINA,
TESTE E
TRATE**



SAIBA MAIS



SALVADOR
PREFEITURA

#pratosoverem: Ambiente interno de unidade de saúde. No centro da imagem, em primeiro plano, aparecem duas pessoas adultas lado a lado, olhando para a câmera. À esquerda, há o texto em destaque: "FAÇA O TESTE RÁPIDO DE HIV. É GRÁTIS, SIGILOSO E NÃO DEIXA NINGUÉM NA DÚVIDA." Logo abaixo, há um bloco de texto informativo em fundo amarelo com orientações sobre testes rápidos de HIV, sigilo, resultado e acesso ao tratamento. No canto superior direito, aparece um laço vermelho, símbolo da luta contra o HIV/AIDS, acompanhado do texto: "PREVINA, TESTE E TRATE." No canto inferior direito, tem um QR Code e a marca da Prefeitura de Salvador.

Pérolas do ano

Eu sou auxiliadora ajudadora. E a Bíblia fala da submissão da esposa ao marido, mas é a submissão saudável”

Michelle Bolsonaro em encontro do PL Mulher no Paraná, para justificar o apoio ao marido.

Você pode mandar um abraço para minha esposa e a minha filha?”

Pedido feito pelo senador Cleitinho (Republicanos-MG) durante depoimento da influencer Virgínia Fonseca na CPI das Bets.

Se houver um cenário de terra arrasada, pelo menos eu estarei vingado”

Eduardo Bolsonaro, então deputado federal, se posicionando sobre os efeitos do tarifaço norte-americano



rafaella ribeiro/cmbh

Eu não sou uma pessoa beliscosa [sic]”

Tentativa de Romeu Zema (Novo), governador de Minas Gerais, tentando negar ser uma pessoa “belicosa” em entrevista ao programa Roda Viva.

Depois de 25 anos cantando a música, um dia bateu uma ficha: a letra é hétero machista top, horrível”

Justificativa dada por Toni Garrido, vocalista da banda Cidade Negra, para a troca da letra de “Girassol”, que passou de “pra ser homem, tem que ter a grandeza de um menino, de um menino” para a “grandeza de uma menina”.

Na boca de Matilde

Alguns dos temas mais citados nas profundezas da internet nesta semana:

O ceifador de relacionamentos

Está repreendido! O ano de 2025 deixou uma enxurrada de rompimentos ao longo dos seus 365 dias. Os casais que resistiram até agora não separam mais. Essa é então uma péssima notícia para Zé Felipe. Se você está se perguntando quem é, trata-se do filho do cantor Leonardo e ex-marido da influenciadora Virgínia. Os dois anunciaram a separação neste ano e, nos meses seguintes, ele apareceu in love com a também cantora Ana Castela. Mas 2025 agiu nos seus últimos dias finalizando o curto relacionamento. Pois bem, o assunto tomou todos os perfis e sites de fofoca que existem nas profundezas da internet. Não sobrou espaço para uma subcelebridade querendo os últimos minutos de fama.

De volta à terrinha

O maior brasileiro que temos fora do Brasil está de volta e já tem mobilizado internautas sedentos por um clique dele em locais turísticos. Depois de uma passagem meteórica, com direito a passeios por Salvador e oficialização como filho mais velho de Ivete Sangalo, ele retorna agora para passar o Réveillon com Bruna Marquezine. Dizem que, nas profundezas dessa internet de meu Deus, um fotos dos dois juntos está valendo coisa de R\$ 20 mil.

Que p... é essa?

Já diria o ditado soteropolitano: duro dorme! E que não pise o pé em Palmeiras, pelo menos é o que defende o vereador Eduardo Antônio (Solidariedade), da cidade de Palmeiras, na Chapada Diamantina. A polêmica começa com um projeto de criação de uma taxa de turismo no município, que é considerado o acesso para quem vai visitar o Vale do Capão. Poderia ser só uma discussão entre os que são contra e os que são a favor da taxa. Mas não! O vereador tratou logo de delimitar: “Um turista que não puder pagar R\$50 no mês pode voltar, nem precisa vir. Pra quê? Turista duro? Não”, disparou. E, claro, ainda houve quem concordasse.

O vapor que desfez anos de combate

Explosão do consumo de cigarros eletrônicos reverte avanços históricos no combate ao fumo e reabre debate sobre regulação e fiscalização

Texto **Ismael Encarnação**
redacao@radiometropole.com.br

A febre das canetas emagrecedoras e seus riscos podem até ter roubado os holofotes. Mas, encobertos por uma névoa conhecida e que chegou até a ser vendida como símbolo de salvação, os vapes avançaram em silêncio. Avançaram tanto que conquistaram um feito nada etéreo: depois de quase duas décadas de queda consistente, conseguiram empurrar para cima o número de fumantes no Brasil.

O país que virou vitrine internacional no combate ao tabagismo agora assiste ao retorno de um velho conhecido, mas, dessa vez, embalado em menos fumaça e mais vapor, repaginado, moderninho, colorido e com cheiro de fruta.

Dados apresentados pelo Ministério da Saúde em um evento em Brasília apontam um crescimento de 9,3% para 11,6% na proporção de adultos fumantes entre 2023 e 2024. Esse é o primeiro salto desde 2006

O aumento pode até parecer discreto, mas funciona como aquele cheiro de fumaça que sempre anuncia problema. O Brasil conseguiu, com muito esforço, expulsar o cigarro das propagandas, dos ambientes fechados e do imaginário do “charme”. Foram campanhas duras, impostos salgados e avisos pouco convidativos nos maços. Funcionou. Até o vape chegar.

Se entre as décadas de 1940 e 1970, o apelo era o charme na ponta dos cigarros, hoje é outro: é o equipamento tecnológico, aromatizado e “menos nocivo”. É essa fumaça retórica que sustenta a nova onda, alerta o pneumologista Álvaro Cruz. “Os cigarros eletrônicos passam a falsa ideia de que não fazem mal”, rebate. O resultado é um modismo sobretudo entre jovens, mais preocupados com pertencimento social do que com risco.

SAÚDE



METROPOLE

Falha na calculadora

Desde 2009, a Anvisa proíbe a importação, publicidade e comercialização desses dispositivos. E manteve a proibição mesmo sob a pressão da indústria do tabaco, que já fareja novos mercados. Ainda assim, há quem defenda liberar geral, com discurso embalado em arrecadação e controle. É o caso do projeto da senadora Soraya Thronicke que tentou transformar vapor em receita, sob o argumento de que regular seria melhor do que proibir.

O problema é que essa conta não fecha. Para cada R\$ 1 de lucro da indústria do tabaco, o Brasil gasta R\$ 5 com doenças associadas ao consumo. São R\$ 153 bilhões por ano em custos de saúde.

Isso porque o vape mantém nicotina e acrescentam ainda compostos potencialmente cancerígenos. Já há registros de intoxicações pulmonares graves e mortes associadas ao uso desses produtos, além de doenças cardiovasculares e câncer.

FISCALIZAÇÃO FROUXA

Apesar da proibição, o sanitarista fundador da Anvisa, Gonzalo Vecina, associa o aumento do tabagismo à fragilização da fiscalização. Para ele, é preciso reforço no combate ao contrabando, nas multas aos pontos de venda ilegais e nas restrições ao

fumo em espaços públicos. Assim como foi feito com o cigarro branco. Mas o que ele rechaça completamente é a equiparação regulatória de cigarro tradicional e os dispositivos eletrônicos.

“Muitos dos países que equiparam já estão reconhecendo o erro, só que não têm condição de voltar atrás agora. O cigarro

eletrônico não reduz o consumo do cigarro tradicional, não substitui o uso do cigarro tradicional e se transformou em uma sofisticação do vício de fumar na juventude”.

No fim, a lição é simples: o glamour virou vapor, a fumaça mudou de cheiro, mas o prejuízo continua bem sólido e nada etéreo.



zanone fraissat/folhapress



Ancelotti e a crise que não é importada

Camila Cintra

Jornalista

O Brasil sempre defendeu com orgulho o fato de ser a única seleção do mundo com cinco títulos de Copa do Mundo “100% nacionais”. Ou seja, todas as conquistas foram obtidas com jogadores brasileiros natos e treinadores igualmente brasileiros. Ao nosso lado, e com orgulho semelhante, estão apenas os vizinhos argentinos, inferiores ao Brasil apenas no número de títulos: três contra cinco.

Brasil e Argentina também se orgulham da exportação de talentos, com jogadores campeões do mundo defendendo outras seleções, como Thiago Motta (brasileiro) e Mauro Camoranesi (argentino), campeões com a Itália em 2006.

Entretanto, neste ano, abrimos a cabeça (superando um ufanismo sem sentido) e os braços para dar boas-vindas ao consagrado treinador italiano Carlo Ancelotti no comando da Seleção Brasileira. Uma chegada celebrada por muitos, diante do sufoco vivido pelo Brasil nas Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo de 2026 e da baixa qualidade do futebol apresentado nos últimos anos, apesar do inegável talento individual dos jogadores.

Essa nomeação, porém, também foi recebida com hostilidade por parte significativa do meio, sobretudo entre treinadores locais. Para ilustrar, houve o episódio de grosseria extrema protagonizado pelos ex-treinadores Oswaldo de Oliveira e Emerson Leão, que se referiram a uma suposta “invasão” de profissionais estrangeiros no país, durante evento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), na presença do próprio Ancelotti, em novembro.

O incômodo de treinadores brasileiros diante da chegada de um estrangeiro ao comando da Seleção é legítimo e até necessário. No entanto, os comentários feitos seguiram, a meu ver, uma linha medíocre e tacanha. Seria muito mais pertinente que se perguntassem o que faltou e onde falharam a ponto de o Brasil não dispor hoje de um treinador nacional pronto e à altura de comandar a Seleção em uma Copa do Mundo. Alguns nomes despontam como promessas, é verdade, mas ainda têm um longo caminho a percorrer.

Embora seja factual afirmar que o Brasil conquistou cinco títulos mundiais sem recorrer a ajuda externa, é impres-

cindível olhar para nós mesmos com espírito crítico, sem paixões ou subjetividades, para compreender o que nos conduziu à situação atual.

Carlo Ancelotti acumula inúmeros títulos em diferentes países. É, incontestavelmente, um treinador de excelência, capaz de se adaptar a contextos diversos e de manter relações positivas com jogadores, torcedores e imprensa. Para além dos resultados, tem sido muito positivo ver à frente da Seleção um técnico com postura condizente com o peso da sua história.

Carletto, como é carinhosamente chamado na Itália, tem estatura para tomar decisões técnicas e sustentá-las, sem se perder em discussões pequenas e irrelevantes, nem em picuinhas e debates superficiais e acrílicos da própria imprensa esportiva.

Que os novos ares vindos de fora sacudam positivamente o futebol brasileiro e nos obriguem a um olhar mais honesto no espelho, exigindo mudanças profundas na estrutura e na gestão da CBF. Afinal, o que acontece em campo é, quase sempre, um simples reflexo da gestão — ou da ausência dela.

O incômodo de treinadores brasileiros diante da chegada de um estrangeiro ao comando da Seleção é legítimo e até necessário

No entanto, seria muito mais pertinente que se perguntassem o que faltou e onde falharam a ponto de o Brasil não dispor hoje de um treinador nacional pronto



Ensino à espera de um milagre

Com MP atuando contra venda casada de material didático e leis tentando regular currículo escolar, pasteurização do conteúdo segue como problema estrutural nas escolas de Salvador

Texto **Laisa Gama e Mariana Bamberg**
redacao@radiometropole.com.br

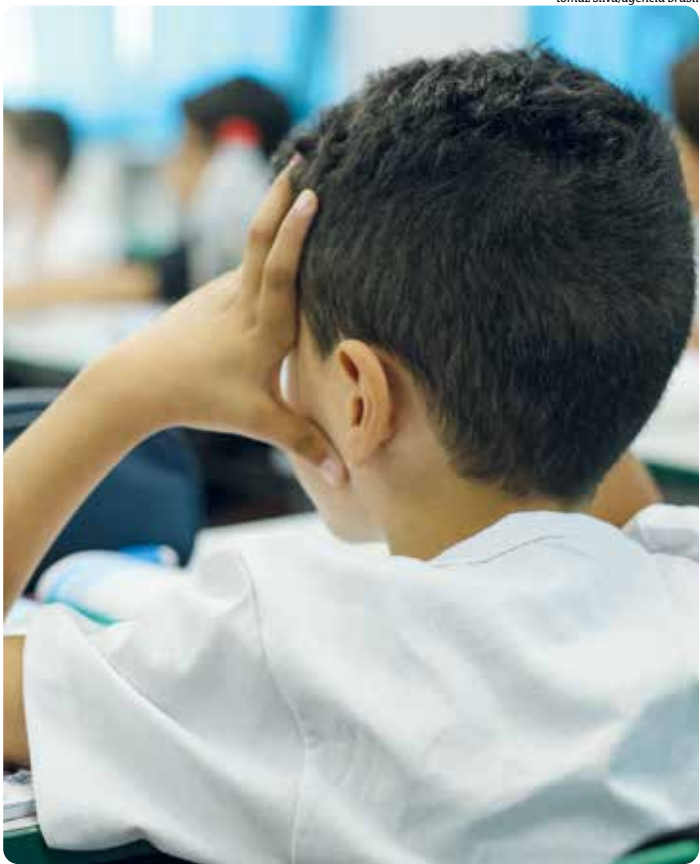
“O SUCESSO NACIONAL”

O ano letivo de 2026 vai precisar de fé em Salvador. Fé para acreditar que a entrada da Bíblia (e somente da Bíblia) como material paradidático autorizado por lei municipal vai significar apenas uma valorização cultural, sem deixar o Estado laico apenas no papel. E fé para confiar que a lei aprovada pela mesma Câmara para incluir temas locais, da história, geografia e atualidades da cidade, vai fazer uma ofensiva eficiente à pasteurização do conteúdo passado aos estudantes.

A lei do conteúdo local é uma resposta a preces e orações denunciando a padronização imposta pela chegada de grandes redes de ensino, com suas apostilas e módulos produzidos a quilômetros de distância da Baía de Todos-os-Santos. Um material que trata o Brasil como um só e que vende um modelo “de sucesso nacional” no vestibular. O pacote dessas redes costuma chegar completo: conteúdo, método, avaliação e, de quebra, a redução da escola e dos professores a meros executores de um projeto pedagógico decidido fora dali.

O vestibular como religião oficial

Como um espelho, esse modelo de ensino acaba refletindo também nas redes públicas. A reportagem, por exemplo, buscou as secretárias de Educação questionando quais livros de autores baianos são efetivamente trabalhados nas escolas das redes. A pasta de Salvador não respondeu. Já a estadual, citando 14 autores baianos, disse apenas que os livros não são de uso obrigatório e compõem os acervos das bibliotecas, sendo utilizados conforme as propostas pedagógicas das escolas. Fundador da Caramurê, editora que aposta na cultura local, Fernando Oberlaender já havia alertado, em entrevista à Metrópole, que, enquanto políticas públicas e decisões pedagógicas privilegiam materiais externos e narrativas únicas, as escolas seguem incapazes de refletir a pluralidade cultural e literária do próprio território.



Autonomia docente em modo silencioso

Não é de hoje que professores vêm denunciando perda de autonomia nesse processo de ensino. O presidente do Sindicato dos Professores da Bahia (Sinpro-BA), Allyson Mustafa, poderia dar uma aula sobre a pasteurização de conteúdos: “ela desconstrói a autonomia docente e a educação que quer responder aos interesses da formação de crianças e adolescentes em sentido crítico. Porque é conteudista por um lado, mas, ao mesmo tempo, esse conteúdo tende a ser vazio, rasteiro, superficial e padronizado”.

APRENDER OU CONSUMIR?

E também não é de hoje que pais e responsáveis enxergam apenas um terço dessa missa: o modelo controverso de venda de material didático. A cada período de matrícula, explodem as denúncias de venda casada de livros, apostilas e plataformas digitais, de imposição de fornecedores, proibição de reutilização e até vinculação da matrícula à compra do material. Neste ano, o Ministério Público entrou novamente na reza e assinou uma Nota Técnica Conjunta com os órgãos de proteção ao consumidor, orientando e reforçando que nenhum aluno pode sofrer prejuízo pedagógico por utilizar material de anos anteriores e que são vedadas práticas abusivas, como essas de imposição de fornecedores e vinculação da matrícula à compra do material.

No fim, entre leis bem-intencionadas, apostilas padronizadas e notas técnicas, a educação em Salvador segue tentando equilibrar fé, mercado e pedagogia. Resta saber se o currículo de 2026 vai formar cidadãos críticos ou apenas consumidores disciplinados. Para isso, talvez nem a Bíblia dê conta do milagre.

EDUCAÇÃO



METROPOLE



tomaz silva/agência brasil

Filé do Streaming

Toda semana, uma rodada de séries e filmes pra você fugir da rolagem infinita nos streamings. Não garantimos ausência de spoiler, mas prometemos assistir antes pra você não precisar se arrepender depois

divulgação



Texto **Victor Quirino**
redacao@radiometropole.com.br

Dois soldados muito capacitados, realizando feitos incríveis para proteger o mundo de uma ameaça. Parece mais um clichê de ação, não é? Mas não se precipite, esse filme da Apple TV é muito mais do que parece. **Entre Montanhas** é uma grande mistura de ficção científica, suspense, comédia romântica e, é claro, muita ação. É uma história bem diferente, e apesar de ter um pouco de tudo, ainda possui um charme próprio que vai te surpreender.

Saindo da ficção, é hora de apreciar uma boa música. **A Voz Suprema do Blues** é o nome do filme que chega na Netflix com a proposta de acompanhar a gravação do disco de uma banda de blues. Falando assim não parece nada demais, mas pode confiar, quem escreveu esse roteiro foi abençoado. O drama é tão natural que te envolve na história sem que você perceba. E o elenco? Fenomenal. Viola Davis e Chadwick Boseman, que interpretou

o Pantera Negra nos cinemas. Preciso de mais para te convencer?

E para nos despedirmos do espírito natalino, agora vai um drama do tipo que faz qualquer um chorar. Até porque começar o ano em lágrimas é bom para purificar a alma. **Os Rejeitados**, na Netflix, explora a clássica relação de amizade entre professor e aluno, como em *A Sociedade Dos Poetas Mortos* e em *Gênio Indomável*. Esse filme é tão reconfortante, e as mensagens sobre solidão e afeto são de aquecer o coração.

Todo mundo conhece algum filme ou série de zumbi. *Guerra Mundial Z*, *The Walking Dead*, existem tantos que nem dá para listar. Mas você já parou para pensar se o apocalipse não viesse de um vírus, mas de um fungo? Essa diferença abre espaço para tantas ideias e **The Last Of Us** sabe explorar muito bem esse novo conceito. Com um perigo constante e ótimos personagens, a série da HBO Max é capaz de assustar e emocionar ao mesmo tempo.

★★★★★
Entre Montanhas
 Apple TV | Filme
 Ficção Científica e Ação

★★★★★
A Voz Suprema do Blues
 Netflix
 Filme | Drama

★★★★★
Os Rejeitados
 Netflix | Filme
 Drama e Comédia

★★★★★
The Last Of Us
 HBO Max | Série, 2 temporadas
 Drama e Suspense

Laranjada

O Ritual. Quem diria que o ator Al Pacino realmente estaria em um filme tão ruim. Pelo visto todo mundo tem boletos a pagar. Ou será que ele perdeu alguma aposta? É difícil dizer, mas é um desperdício escalar um ator tão capacitado para um roteiro tão raso. Na HBO Max, esse filme tenta se vender como um exorcismo “realista”, quase documental, mas não convence em nada. Ambientado em 1928, não há um único elemento capaz de nos transportar para a época. Os cenários são genéricos, sem vida, tudo parece um grande improviso. Tenta parecer sombrio, mas no fim é só mais uma laranjada.

Difudê

Avatar: Fogo e Cinzas. O diretor James Cameron conseguiu fazer mais um espetáculo nos cinemas. Responsável pelo clássico *Titanic* e pela franquia *Avatar*, o trabalho dele ainda impressiona. Visualmente é brilhante, coloca em cena o máximo que uma boa tecnologia e um orçamento gigantesco são capazes. No entanto, as fórmulas e os clichês se repetem. Humanos contra aliens, colonizadores contra colonizados, a história ainda é a mesma. É o tipo de filme que não é feito para assistir em casa, mas na maior tela possível e com um óculos 3D. Não é uma obra prima, mas a experiência é difudê.

Laranjada

A Hora do Mal. Crianças fugindo de casa em plena madrugada com os braços abertos, como se seguissem algum chamado. Existe alguma premissa mais genérica do que essa para um filme de terror? E, para piorar, o filme é baseado em metáforas vazias. Tudo é sugerido e nada é desenvolvido. Faltou alguém sensato na sala de roteiristas para avisar que essa história não é tão inteligente quanto tenta ser. O que sobra é um mistério cansativo e repetitivo com a mesma coisa acontecendo em várias visões diferentes. Nem o final salva essa laranjada, é cômico e ainda desiste de ser assustador.



Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra
Não confunda abacaxi, abricó e ameixa com abaixa aqui, abra o cu e mexa.

Só os loucos sabem
Não confunda Nabucodonosor com nabo do cu do senhor.

Trump
Não confunda capitão de fragata com cafetão de gravata.

Lindinalva
Não cofunda o picasso do primo do mestre de obra com a obra prima do mestre Picasso.

Guto
Abaixo o tédio, abaixo o ócio, abaixo o bode. Ou nós se une ou nós se fode.

Fausto Silva
Réveillon tá chegando e eu até usaria branco, porque dizem que branco atrai paz. Mas Deus me livre, vai que eu fico sem meu marido.

Ritinha
Não confunda um pouquinho de macarrão com um porrão de macaquinhos.

Cida
A vida é uma caixinha de surpresas, como diria até o mais vagabundo dos filósofos

Andrei
Não confunda Pires de Oliveira com pratinho de azeitona.

Jane
Não confunda Colinas de Golã com gorilas de collant.

Fred
Não confunda Serra da Tiririca com terra da siririca.

Marley
Não confunda Tratado de Tordesilhas com tarado detrás das ilhas.

Pedro Miau
Eu nunca vou deixar de beber. Não foi fácil aprender. Vomitei, caí, passei mal, quase morri, briguei, fiz vergonha. Não é agora que eu vou desistir.





O VLT JÁ ESTÁ NA CAPITAL. VAI LIGAR TUDO, VAI MUDAR TUDO.



O Governo do Estado está fazendo uma transformação gigante na mobilidade de Salvador. As obras do VLT avançam rápido e, com elas, muitas novidades estão chegando para a nossa população. Porque com o Governo do Estado é assim: Bahia pra frente, do lado da gente.

Mais do que mobilidade, o VLT vai mudar tudo na nossa capital:

- Mercado São Braz - maior centro comercial e gastronômico
- **Primeiro Corredor Ambiental de Salvador**
- Centro de beneficiamento de mariscos e peixes
- **Escola de Tempo Integral e novas praças**
- Museus
- **Maior obra de saneamento da Cidade Baixa**
- Nova iluminação e encostas

